



OS SABERES DO CORPO “JOSÉ FIMINO DA SILVA”

Profa. Dra. Renata de Lima Silva
Universidade Federal de Goiás
renatazabele@gmail.com

Seu Firmino na verdade não é pernambucano, é baiano de São Félix. Mas, mesmo se fosse de Pernambuco, em São Paulo, onde mora há muitos anos, seria baiano. É assim que dizem dos nordestinos de toda ordem, até mesmo se o caboclo for paraense, é baiano. Pro Seu Firmino tudo bem, seria tão pernambucano quanto é paulistano. Muito embora não se esqueça do som e nem do cheiro do rio Paraguaçu, que divide São Félix de Cachoeira. Foi lá que o velho passou boa parte da vida... Talvez nem tão boa assim, mas é com saudade que ele conta que foi no Recôncavo Baiano que comeu no mesmo prato: samba, capoeira e candomblé.

A fala mansa, o semblante tranqüilo, o sorriso branco e jovial enganam, o velho é malvado e cheio de mandinga. Uns acreditam que tem cinqüenta; outros que já passou dos setenta; só por brincadeira repetem despercebidos que “*preto quando pinta tem três vez trinta*”. Sobre esse assunto Seu Firmino nada diz, desconversa, faz-se de desentendido. Hum! Eu bem sei, e de fontes seguras, que o ancião deve estar por completar seus quatrocentos e tra lá lá anos de peregrinação por essas terras do Brasil.

Foi um Preto Velho do terreiro do Pai Mané que me contou; disse que em vida ocupavam a mesma senzala e que naquela época o velho já era velho. Disse também que foi na travessia do mar que um feiticeiro kimbundo fechou seu corpo.

Vô deve ter suas razões para não querer falar sobre isso, tento compreender. Mas confesso que não consigo, poderíamos ficar famosos e ganhar muito dinheiro: “O HOMEM DE QUATROCENTOS ANOS CONTA HISTÓRIA DO BRASIL!” Mas esse homem não liga pra dinheiro... Tendo o suficiente pra sua aguardente!

Quando era menina não tinha muita paciência com o velho, ele “comia água”¹ e desandava a contar histórias. Eu, criança, achava que era coisa pra criança. Um dia o mano mais velho falou, com todo meu apoio, que não queríamos mais ouvir aquelas histórias bobas, que gostávamos das histórias de medo. Caçoamos do velho, dissemos que ele não conseguiria botar medo nem no caçula, éramos muitíssimos corajosos.

¹ Embriagava-se



Desafiado, o velho fixou o olhar e como que curado do porre nos levou pro quintal, pra longe da mãe, que dizia que história de medo faz criança fazer xixi na cama.

Eu realmente era muito corajosa para histórias fictícias, mas a lágrima cristalina correndo pela pele preta do homem que nunca chorava nem diante da morte, fez-me molhar as calças antes mesmo de chegar à hora de ir pra cama.

Sempre ao cair da tarde, a mãe chamava pro banho, naquele dia, não sei se a tarde ralentou, atenta na história do velho, ou se a mãe se distraiu; o fato é que a história de horror só acabou noite adentro.

O velho, com o olhar transitando por dentro dos nossos olhos, contou com detalhes a história de um caçador, que quando se preparava pra dar o bote na caça que serviria de oferenda para os mortos, viu a luz se apagar. A coronhada na cabeça de fato o tinha deixado zozinho, mas o balanço, a tontura e o enjôo eram mesmo do barco.

O caçador caçado, com a visão um pouco turva pode reconhecer sua desgraça pelo cheiro. Vômito, suor, urina, fezes, carniça... O homem ainda pôde se lembrar da obrigação que deixou por fazer antes de se entregar a morte.

Lembro-me bem de não ter compreendido como um homem que havia morrido poderia trabalhar no canavial. Hoje compreendo que esse significado da morte estava além de minha compreensão. Mesmo que fantasiasse, não conseguiria relatar o trajeto do homem caçado com a riqueza de detalhes que o fez Seu Firmino. Já Darcy Ribeiro (1995, p. 119), mesmo não tendo tido a sorte de conhecer meu avô, parece que conhece bem essa história:

[...] Metido no navio, era deitado no meio de cem outros para ocupar, por meios e meio, o exíguo espaço do seu tamanho, mal comendo, mal cagando ali mesmo, no meio da fedentina mais hedionda. Escapando vivo á travessia, caía no outro mercado, no lado de cá, onde era examinado como um cavalo magro. Avaliado pelos dentes, pela grossura dos tornozelos e dos punhos, era arrematado. Outro comboio, agora de correntes, o levava á terra adentro, ao senhor das minas ou dos açúcares, para viver o destino que lhe havia prescrito a civilização: trabalhar dezoito horas por dia, todos os dias do ano.

Senti que não poderia conter a urina, quando o velho de supetão, se levantou e investiu pra cima da gente, a fim de simular as chicotadas que o caçador foi submetido.



Imaginei que isso devia doer muito mais do que as lambadas que a mãe nos dava com a espada de São Jorge².

Quando vovô tornou-se a sentar, ofegante por causa do esforço da mímese, interrompeu a narrativa para recuperar o ar, nesse momento vi uma única gota d'água rolar pelo rosto do ancião. Se não fosse pela vergonha das calças mijadas me levantaria e sairia gritando por minha mãe; mas os manos iam mangar de mim pro resto da vida.

Seu Firmino prosseguiu, em suas próprias palavras, reconstruindo a rotina do caçador escravizado. Mesmo sendo eu apenas uma menina amedrontada, pude perceber a veracidade do que estava sendo dito. Afinal, conhecia de cor e salteado a histórias pra boi dormir e os feitos de Besouro Mangangá³, que o velho quando cachaçado gostava de nos contar. Novamente, tal veracidade pode ser descrita por Darcy Ribeiro (1995, p. 120)

[...] Esta era sofrer todo o dia o castigo diário das chicotadas soltas, para trabalhar atento e tenso. Semanalmente vinha um castigo preventivo, pedagógico, para não pensar em fuga, e quando chamava atenção, recaía sobre ele um castigo exemplar, na forma de mutilações de dedos, do furo de seios, de queimaduras com tição, de ter todos os dentes quebrados criteriosamente, ou dos açoites no pelourinho, sob trezentas chicotadas de uma vez, para matar, ou cinqüentas chicotadas diárias, para sobreviver. Se fugia e era apanhado, podia ser marcado com ferro em brasa, tendo um tendão cortado, viver peado com uma bola de ferro, ser queimado vivo, em dias de agonia, na boca da fornalha ou, de uma vez só, jogado nela para arder como um graveto oleoso.

Qual não foi o meu alívio quando o mano velho levantou-se em desespero, com a bermudinha toda molhada gritando pela mãe. Eu e o caçula só fizemos copiar. A mãe ralhou com o velho, foram semanas de xixi na cama todos os dias.

O velho que nunca dava o braço a torcer irritou-se: - *Onde já se viu criança mole desse jeito, que só de ouvir falar das agruras da vida, esmorecem, é bom mesmo esses cafiotos ouvirem essas histórias para aprenderem a dar valor à boa vida que tem. Já que a mãe só fazia mimar...* A mãe calou o ressentimento pela prole, pois nesse ponto o velho tinha razão, ela era realmente super protetora e sabia que o pai tinha

² Planta doméstica, a qual se acredita ter força de proteção. No sincretismo está ligada ao orixá Ogum e a São Jorge.

³ Besouro Mangangá: Manoel Henrique Pereira (1897-1924), Besouro Mangangá ou Besouro Cordão de Ouro foi um lendário capoeirista da região de Santo Amaro, Bahia. Muitos e grandiosos feitos lhe são atribuídos. Diziam que não gostava da polícia (que diversas vezes frustrou-se ao tentar prendê-lo), que tinha o "corpo fechado", que balas e punhais não podiam feri-lo.



muito a ensinar aos filhos sobre coragem pra enfrentar a vida. Então, ambos chegaram a um acordo: Seu Firmino continuaria com a história do caçador, mas agora enfatizando as conquistas e atos heróicos do personagem.

Ele contou com ajuda da mãe para nos convencer a ouvir a continuação da história. O mais velho recusou-se terminantemente, disse que se tratava de uma história muito mentirosa, que pessoas que morrem não trabalham no canavial. Eu e o caçula aceitamos, desde que não fosse história de medo. O velho deu risada e aceitou as condições.

A história do caçador prosseguiu e nossa curiosidade por ela aumentou. Todos os dias, voltávamos da escola correndo e nem nos interessávamos por tacar pedra no telhado dos vizinhos, queríamos saber da sina do caçador.

Seu Firmino nos contou que o caçador arranhou um jeito de sobreviver a tantos mal tratos,

[...] nas crenças religiosas e nas práticas mágica, a que o negro se apegava no esforço ingente por consolar-se do seu destino e para controlar as ameaças do mundo azaroso em que submergira. Junto com esses valores espirituais, os negros retêm, no mais recôndito de si, tanto reminiscências rítmicas e musicais, como saberes e gostos culinários.

(RIBEIRO, 1995, p. 117)

O homem não alimentava a ilusão de rever suas mulheres e filhos nem tampouco de retornar a sua terra natal, mas não abandonava o sonho de ser livre novamente.

Não tem outra saída entretanto, uma vez que da condição de escravo só se sai pela porta da morte ou da fuga. Portas estreitas, pelas quais, entretanto, muitos índios e muitos negros saíram; seja pela fuga voluntarista do suicídio, que era muito freqüente, ou da fuga, mais freqüente, mas freqüente ainda, que era tão temerária porque quase sempre resultava mortal.

(RIBEIRO, 199, p. 118)

O caçador arquitetou por anos a sua fuga, observando todos os hábitos dos senhores e capatazes. Esforçava-se ao máximo no trabalho para parecer um escravo confiável e submisso.

Certo dia, uma briga estourou na senzala, dois negros disputavam um pedaço de carne de porco. Os capatazes se distraíram divertindo-se como espetáculo. O caçador



fez parrelha com um hauçá⁴, e outro yorubano e fugiram. Este último, quase pôs todo plano a perder com a preocupação de apanhar uma galinha preta para fuga.

Depois de um dia de caminhada o caçador ajudou o *ijexá*⁵ com a galinha. Pararam em uma encruzilhada, enquanto um segurava o outro a estrangulou, oferecendo-a a Exu⁶, para que este facilitasse os caminhos para fugitivos e fechasse pra os perseguidores. O hauçá tentou impedi-los, pois o rastro seria uma pista para os perseguidores, além do mais, ele se incomodava com as práticas que julgava ser de feitiçaria.

Porém, o *ijexá* disse que precisavam confiar no Mensageiro. Não havia tempo pra discussões, os três prosseguiram a viagem por dias, semanas, talvez até meses... O *ijexá* ficou com os pés muito feridos e não podia mais prosseguir, foi deixado pelos companheiros aos cuidados de uma grande árvore.

Não pude acreditar que o caçador foi capaz de abandonar o amigo a própria sorte, mas Seu Firmino me explicou que em caso contrário todos poderiam morrer.

Embrenhados mata adentro os homens se encontravam perdidos, cansados, famintos e sedentos. O caçador pensou que Exu devia ser um deus muito poderoso, pois havia dado conta dos capatazes. No entanto, ainda havia todos os riscos da mata a ser enfrentado. Ouviram alguma coisa, passos talvez, não... Era barulho de água correndo... O bérro da mãe dizendo que já estava na hora.

No dia seguinte, na escola, não via a hora de voltar pra casa para tomar conhecimento do que se sucedera com o caçador e seu amigo. contei a história para meus colegas e alguns ficaram interessados, cheguei em bando em casa pra surpresa do meu avô, que com entusiasmo prosseguiu na narrativa.

Os fugitivos finalmente chegaram ao leito do rio, que corria como a esperança dos dois andarilhos de chegarem há algum lugar. Os homens sentiram uma presença em

⁴ Grupo étnico de cultura africana islamizada, identificados na Bahia como Malés, do tronco lingüístico Iorubá

⁵ Grupo étnico do tronco lingüístico Iorubá

⁶ Èsù é um Orixá africano, também conhecido como: Exu, Esu, Eshu, Bara, Legbá, Elegbara, Eleggua, Aluvaiaá, Bombo Njila, Pambu Njila. Cidades onde se cultua Exú: Ondo, Ilesa, Ijebu, Abeokuta, Ekiti, Lagos.

Exu é o orixá da comunicação. É o guardião das aldeias, cidades, casas e do axé, das coisas que são feitas e do comportamento humano.

Ele é quem deve receber as oferendas em primeiro lugar a fim de assegurar que tudo corra bem e de garantir que sua função de mensageiro entre o Orun e o Aiyé, mundo material e espiritual, seja plenamente realizada.



suas costas, ao se virarem se depararam com um jovem pataxó⁷. Um instante de silêncio atravessou os homens... E o indígena sem dizer uma palavra deu as costas e saiu correndo por dentro da mata. Os homens titubearam por um instante, mas por fim decidiram seguir o nativo, que se apressava.

Como um passe de mágica o pataxó havia desaparecido, no entanto era possível seguir seu rastro. Será que era uma emboscada? Perguntou-se o caçador e também um coleguinha que estava aflito acompanhando a história.

Pro alívio da criançada que se retorcia com a dramaticidade do Seu Firmino os homens chegam ao Quilombo de Cachoeira. *Mas o que é um quilombo?* Nós perguntávamos e nos respondíamos inquietos, simulando respostas. Seu Firmino se arretou com o barulho e nos perguntou impaciente para que diabos íamos à escola. Que deveríamos perguntar a professora o que era um quilombo e que a história estava encerrada.

A professora sem muito entusiasmo disse qualquer coisa sobre um lugar que os negros fugidos se escondiam. Não conseguindo deixar claro para pequenos curiosos a importância dos quilombos na formação cultural do povo brasileiro, já que estes eram espaços que os negros podiam resgatar suas matrizes culturais africanas e reinventá-las, ao confrontá-las com experiências étnicas diferentes, inclusive no que diz respeito ao contato com os indígenas e brancos.

Não me conformei com o desinteresse de meu avô pela contação. Apesar de saber que o velho era mesmo de lua e que se aborrecia fácil, principalmente com as pestes, como ele gostava de se referir às crianças.

Não insisti na idéia de Seu Firmino continuar com história, pois a minha mãe disse que ele nunca muda de idéia. Mas a partir daquele dia passei a ser o rabo dele... Era assim que ele me apresentava, completando a frase: - *Aonde eu vou, ela vai atrás!*

Passei a acompanhá-lo onde quer que fosse, as sextas-feiras no boteco que rolava um samba, aos sábados nos terreiro de culto de orixás ou nksis, onde tudo terminava em samba de caboclo⁸ e no domingo a tarde na roda de capoeira da República⁹, que se transformava em um grande samba de roda.

⁷ Os Pataxós são um povo indígena de língua da família Maxakali, do tronco Macro-Jê.

⁸ Samba de Caboclo: samba realizado para entidades em candomblés de angola

⁹ Roda de capoeira livre, realizada na Praça da República.



Como se fosse possível, por meio da convivência, arrancar da sua alma a continuação da história do caçador. Passei a criar minhas próprias narrativas, vire e mexe era pega falando sozinha, inventando possíveis finais para o caçador, em umas ele ficava rico e em outras se casava com uma mulher linda e loura, apresentadora de programa infantil.

Foi só depois de adulta, com a declaração do Preto Velho, que pude ligar os fatos: o caçador, Seu Firmino e a história do negro no Brasil. Acho até que não foi por acaso, que à medida que me interessava por acompanhar os passos do velho, despertava mais curiosidade sobre a história do país, que eram alimentadas por Gabriel, um amigo de Seu Firmino que também sempre o acompanhava.

Se Seu Firmino revelasse exatamente a sua idade, seria ainda mais fácil montar o quebra cabeça, mas mesmo sem essa peça importante posso imaginar o destino do caçador, quero dizer, de meu avô – o Seu Firmino, já que em nossa convivência, principalmente nos momentos insôbrios, o velho deixava muitas pistas para uma boa observadora.

Acho provável que Seu Firmino tenha passado tempos de quilombo em quilombo, entre o Recôncavo Baiano e Salvador. Entre atacar e ser atacado, talvez Seu Firmino tenha sido capturado algumas vezes, mas dada a sua astúcia e privilégio de ter o corpo fechado, tenha arranjado um jeito de fugir novamente.

Pensando bem, ter o corpo fechado podia não ser de todo um privilégio, podia significar não ter sequer a esperança de ver sua dura sina ter fim, *de voltar por cima do mar...* Assistir a morte levar a todos, mulheres e filhos. Entre quilombos e senzalas, por cem, talvez até duzentos anos...

Ao menos nos quilombos Seu Firmino podia gozar do direito de cultuar seus ancestrais fazer seu batuque e se arriscar nos primeiros golpes do que hoje conhecemos como capoeira. Direito esse, que de um jeito ou outro o velho deve ter arrastado para as senzalas e terreiros da casa-grande.

Os escravos nesta cidade não tinham sujeição alguma em consequência de ordens ou providências do governo; juntavam-se quando e onde queriam; dançavam e tocavam os estrondosos e dissonoros batuques por toda cidade e a toda hora; nos arraiais e festas eram eles só os que assenhoreavam do terreno, interrompendo quaisquer outros toques ou cantos.

(CONDE Da PONTE, 1804 apud MUNIZ SODRÉ, 1997: 12)



Atrás da nossa casa, no Jardim São Luis, em um terreno grande comprado com no mínimo uns trezentos anos de trabalho de Seu Firmino, e que agora abriga quatro de seus cinco seus filhos com suas respectivas famílias, tem uma pequena horta e ainda um galinheiro, que o velho cuida com muito jeito. No dia em que um primo lá do quintal morreu baleado em frente de casa, jurado de morte por um traficante do bairro, Seu Firmino não derrubou uma só lágrima, mas ficou a noite inteira olhando pra horta, e nem me viu, espiando na janela, quando desabafou: - *Por mim não tinha nada de Salvador, nem de São Paulo, ficava mesmo em São Felix cuidando do roçado, mas terra que é de ninguém de homem preto não pode ser...*

*“Tava dormindo cangoma me chamou
Tava dormindo cangoma me chamou
Disse levanta povo cativo já acabou
Disse levanta povo cativo já
acabou”*

Posso avaliar que às vésperas da abolição Seu Firmino devia ter ouvido seus rumores, com certeza era um negro articulado e bem informado, como hoje ainda o é. Abolida a escravatura, duvido que ele iria prestar serviço pros até então senhores de escravos. O velho é tihoso, deve ter procurado um cantinho de terra pra cultivar.

Embora tardia (a abolição) mergulha o sistema de fazendas numa séria crise estrutural. Entretanto, a circunstância de que o ex-escravo não tinha para onde dirigir-se a fim de trabalhar para si mesmo, num mundo em que a terra fora monopolizada, o compelia a permanecer no eito. Mudaria talvez de amo, para não servir como homem livre aquele de quem fora escravo.

(RIBEIRO, 1997, p. 301)

Pelo depoimento que ouvi da janela no dia da morte do meu primo, posso imaginar Seu Firmino, pelas margens do Paraguaçu tentando se firmar e sendo inevitavelmente desapropriado¹⁰. De montar e desmontar casebre, muito tempo deve ter

¹⁰ “Lei de Terras, como ficou conhecida a lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, foi a primeira iniciativa no sentido de organizar a propriedade privada no Brasil. Até então, não havia nenhum documento que regulamentasse a posse de terras e com as modificações sociais e econômicas pelas quais passava o país, o governo se viu pressionado a organizar esta questão.

A Lei de Terras foi aprovada no mesmo ano da lei Eusébio de Queirós, que previa o fim do tráfico negro e sinalizava a abolição da escravatura no Brasil. Grandes fazendeiros e políticos latifundiários se anteciparam a fim de impedir que negros pudessem também se tornar donos de terras. Chegavam ao país os primeiros trabalhadores imigrantes. Era a transição da mão de obra escrava para assalariada. Senão houvesse uma regulamentação e uma fiscalização do governo, de empregados, estes estrangeiros se tornariam proprietários, fazendo concorrência aos grandes latifúndios. Ficou estabelecido, a partir desta data, que só poderiam adquirir terras por compra e venda ou por doação do Estado. Não seria mais



se passado, tempo suficiente pra Seu Firmino impregnar as cidades com suas memórias e se deixar empregnado por ela, pela gente e pelas rodas que se fazia delas, roda de samba, de conversa, de capoeira...

O difícil é imaginar quantas famílias o velho já teve, sim, pois todo mundo conhece a sua fama de namorador, só aqui em São Paulo ele teve vinte filhos, cinco dentro e os outros todos fora do casamento. Em vida, vovó sempre se viu doida com o homem. Até que um dia ela se acostumou com o jeitão dele. Ela dizia: - *Ah minha filha, lavou tá limpo!*

Será que um dia ele vai morrer? Percebo o tempo passar em sua pele, em seus ossos... Principalmente depois daquele ebó¹¹. Um bode, cinco galinhas, quinhentos búzios... Todo mundo da família teve que contribuir, mesmo sem saber a pedido de que era a oferenda. Talvez fosse pra reverter o feitiço do kimbundo. Depois que a vó morreu ele começou com a conversa que também queria morrer. Passado um tempo fez o trabalho.

Também não posso imaginar como em tantos anos, séculos até, Seu Firmino manteve seu segredo sem ser percebido. As sucessivas mudanças de cidade forjadas no pretexto, de certa forma real, de busca de novas possibilidades de sobrevivência, devem ter colaborado com o mistério.

Assim, pulando de galho em galho, o caçador que virou escravo, virou e desvirou quilombola, virou sem-terra e ainda antes de virar pedreiro, virou estivador.

Essa parte da vida do caçador, quer dizer, do estivador, não é tão misteriosa assim. São lembranças que ele gosta de lembrar. Embora nunca mencione as datas dos acontecidos, o velho sempre conta que foi no cais do Porto de Salvador que ele conheceu a nata da capoeira e que se fez na arte da mandinga.

[...] A cocorinha. Eis aí outro cruzamento do mundo do trabalho do negro com a capoeira: a posição de cócoras em que os ganhadores ficavam (em repouso), às vezes horas a fio, como se não quisessem

permitido obter terras por meio de posse, a chamada usucapião. Aqueles que já ocupavam algum lote receberam o título de proprietário. A única exigência era residir e produzir nesta localidade. Promulgada por D. Pedro II, esta Lei contribuiu para preservar a péssima estrutura fundiária no país e privilegiar velhos fazendeiros. As maiores e melhores terras ficaram concentradas nas mãos dos antigos proprietários e passaram às outras gerações como herança de família”.

¹⁰ Ebó é um termo africano, do iorubá, que tem várias acepções nos cultos africanos no Brasil, em geral significa uma oferenda, dedicada a algum orixá, podendo ou não envolver o sacrifício animal.



nada desbastando o tempo esperando a hora passar, adivinhando, intuindo, espreitando uma nova chance de trabalho. Torcendo para surgir um novo biscate, pois o trabalho de carregador (principalmente do ligado ao cais) também dependia do acaso, das flutuações da maré, do tempo, das chegadas e saídas dos navios, da força da economia, da quantidade de carga disponível e etc. Na beira do cais, enquanto a hora da labuta não chegava, podiam ficar esperando o relaxamento da vigilância policial para armarem rodas de jogos proibidos, cultura, vícios e iniciar as vadiagens.

(ABREU, 2005 p. 103)

Dessa época Seu Firmino tem muito feitos de valentia para contar, ilustradas pelas marcas de navalha em todo corpo. O velho sempre diz a seus discípulos que a capoeira de hoje em dia não precisa valentia, mas que naquela época não tinha outro jeito, era todo mundo contra todo mundo...

Acredito que Seu Firmino esteja se referindo à Salvador no início de seu processo de urbanização, caótico e desenfreado, com camadas e mais camadas de negros marginalizados, onde a rua era um espaço de constante disputa pela sobrevivência e moral. Pois “a urbanização representou uma piora nas condições de vida dos negros livres e de muitos mestiços pobres das cidades. O nível de vida baixou, a comida ficou pior e a casa também. Seu abandono os fez, então perigosos, criminosos, “capoeiras”, etc.[...]” (Jessé Souza, 2000, p. 88).

Quando ainda éramos pequenos, o mano caçula achou nas coisas do velho uma faca de ticum¹² e a escondeu, sem que ninguém desse conta, um dia, cansado de ser desmoralizado pelo irmão mais velho pegou a arma e deu no ombro do parente pelas costas.

“*Ave Maria meu Deus, eu nunca vi casa nova cair*”, mas naquele dia caiu foi tudo, quando o pequeno deu por si, viu o irmão gritando e o sangue escorrendo, já estava profundamente arrependido e se arrependeu ainda mais quando viu a mãe, investir pra cima dele com o rebengue do baiano¹³.

Quando Seu Firmino chegou e viu a fuzarca que estava armada, se curou da bebedeira e chamou a todos pra um daqueles sermões que duravam a noite toda. Disse que a mãe não sabia criar menino e que os dois eram covardes, o mais velho por que se fazia de valente, mas tava ali botando os bofe pra fora por causa de um arranhadinho, e

¹² Faca de tucum (ou ticum) - um tipo de madeira – que conforme contam os capoeiras e lendas foi responsável pela morte de Besouro Mangangá.

¹³ Instrumento de entidade de umbanda da linha dos Boiadeiros, similar a um pequeno chicote, que também utilizam chapéu de coro.



mais novo por apunhalar o próprio irmão pelas costas. Disse que aquela faca não era brincadeira, era faca de matar, que já matou muita gente, mas que nunca tinha derramado sangue de parente nem tão pouco apunhalado alguém pelas costas. Como lição, os dois iam viver na rua, sem teto, para aprenderem a serem irmãos e deixar de covardia. É... O vovô quando é bom é ótimo, mas quando é ruim... Não teve o que a mãe pudesse fazer para ele voltar atrás. A mulher caiu doente e ficou os cinco dias que os meninos tiveram fora, na cama, sem fazer faxina em casa nenhuma. Uma tia do quintal disse que se eu pedisse era capaz do velho voltar atrás, que ele fazia todas as minhas vontades. Não tinha muita certeza, mas resolvi interceder, disse-lhe choramingando que estava com muita saudade dos manos. Puro fingimento, eu estava adorando ser filha única, mas com pena da mãe. O velho se compadeceu e foi buscar os meninos. Mas disse que só estava fazendo isso por que era isso mesmo que ele ia fazer, não era por causa da minha cara fingida que mais parecia que a vaca tinha lambido. Os pobrezinhos voltaram todos sujos, famintos e amedontrados. Realmente depois disso nunca mais brigaram, era um defendendo o outro, inclusive contra mim.

Vovô deve ter adquirido essa faca de ticum no período em que a valentia era necessária. Ele diz que nunca foi um desordeiro, mas que lutava em defesa de sua moral.

A marginalidade urbana se configura como sendo um território de adversidades, marcado pela pobreza e pela disputa de espaço e oportunidades. Onde aparece claramente a “oposição básica entre casa e rua (que corresponde à dicotomia família /mundo), e mais, a implicação sempre muito clara de que o mundo da rua é cruel e exige luta, pois, como já disse o poeta, num dos versos mais conhecidos no ambiente social brasileiro de todas as camadas sociais, *a vida é um combate que os fracos abate* e, mais adiante, *viver é lutar*” conforme comenta Roberto Da Matta (1985).

(SILVA, 2004, p. 85)

Seu Firmino conta que nesse período a capoeira podia ser brincadeira, mas que por vezes era muito violenta, principalmente em Salvador, que foi com Seu Pastinha que a coisa começou a mudar, ficou mais bonita, mais organizada, deixou de ser simplesmente luta pra virar ritual e filosofia de vida.



Deve ter sido em Salvador mesmo que Seu Firmino tinha o posto de ogã¹⁴ em uma casa de candomblé de tradição, isso quem me disse foi aquele Preto Velho. Pela habilidade que o negro tem com os aguidavis¹⁵ não há motivo para duvidar, além do mais, vô sabe toques, cantos e saudações de Exu a Oxalá. Mas nem por isso ele deixa de ir a missa, todos os domingos, dar café pra imagem de São Benedito e pinga pra Seu Zé Pilintra. Costumes que adquiriu na convivência com minha avó, D. Cecília.

Não sei se as coisas estavam difíceis em Salvador, ou se Seu Firmino abandonou a cidade pra manter seu segredo. O fato é que Seu Firmino e mais um bocado de gente se arrancaram pro Rio de Janeiro e São Paulo. Antes de vir pra capital foi pras bandas do Vale do Paraíba, onde trabalhou como pedreiro na construção da basílica nova de Aparecida do Norte. Em Guaratinguetá conheceu D. Cecília e também o jongo, apaixonado-se pelos dois.

O pai de minha avó, também pedreiro da basílica, era jongueiro, e simpatizando-se com a figura de Seu Firmino, ofereceu a mão da filha em casamento. Seu Firmino ganhou o velho primeiramente por sua firmeza no trabalho, por se fazer respeitado e não aceitar exploração. E, também, pelo feito de ter defendido o futuro sogro em uma briga, na qual Firmino sozinho deu conta de três homens sem usar as mãos, só com rasteiras e pernadas.

A moça, da irmandade “Filhas de Maria”, queria ser freira e demorou pra aceitar, mas acabou caindo nos encantos do negro. Ela contou que Seu Firmino fez de tudo pra conquistá-la. Ia à sua casa todas as noites, com o pretexto de ouvir histórias sobre o jongo. Não há por que duvidar que de fato Seu Firmino se interessasse pelo jongo, que lhe devia suscitar boas lembranças dos batuques no Recôncavo, mas o velho não devia dar ponto sem nó, tem fama de sedutor.

A família de vovó era muito católica e o casamento deveria ser na igreja, mas pra isso era preciso ser batizado e mais do que isso, era preciso ter registro. Não sei se foi mandinga ou o jeitinho brasileiro, mas está lá, José Firmino da Silva, filho de Maria da Silva e José da Silva, nascido aos vinte de novembro de 1924 em São Félix - BA.

¹⁴ Ogan nome genérico para diversas funções masculinas dentro de uma casa de Candomblé, dentre elas a responsabilidade pelos tambores. É o sacerdote escolhido pelo orixá para estar lúcido mediante a todos os trabalhos, não entra em transe, mesmo assim não deixa de ter a intuição espiritual.

¹⁵ Aguidavis são varetas utilizadas para a percussão dos atabaques no candomblé. São confeccionadas com pequenos galhos das árvores sagradas do candomblé.



Logo depois do casamento o casal veio pra capital, Seu Firmino conseguiu bom emprego em construtora e conseguiu comprar o terreninho na zona sul.

Dona Cecília, apesar de beata, descobriu que era médium e se envolveu com umbanda. Era burra¹⁶ de uma entidade que se apresentava como Dito Preto Velho Macumbeiro, hora mineiro, hora baiano... Chegou a ter um terreiro, lá no quintal mesmo. Seu Firmino ajudava, mas não participava muito. Dizia que enquanto trabalhou na construtora, não tinha pique pra nada, só pra tomar uma no bar do Zelão.

Imagine só, pra um homem que já foi escravo dizer que trabalhava muito, o batente não devia ser mole, e pra piorar, ainda tinha a distância, o Jardim São Luís é a periferia da periferia.

Os últimos anos de trabalho foram os mais difíceis para o velho homem que não via a hora de se libertar, quer dizer, aposentar-se. Depois disso pretendia fazer uns bicos como pedreiro e tentar retomar suas atividades culturais, que tanto lhe faziam falta.

No dia em que o homem assinou a aposentadoria, aconteceu algo muito curioso, que mudou a vida de Seu Firmino e indiretamente de todos nós. Vovô estava no ponto de ônibus esperando o Parque Santo Antônio, que podia demorar cerca de duas horas, quando capoeiristicamente percebeu que estava sendo observado. O observador não chegava a preocupar, era um jovem rapaz, de pele clara, bochechas rosadas, cabelo despenteado e barba por fazer; nos olhos um azul quase que infinito sob os óculos arredondados; sandália e bolsa de couro, jeans surrado e camisa pólo de grife.

Estranho Seu Firmino achou quando o figura entrou no ônibus Parque Santo Antônio, trajeto que praticamente não se via pessoas com tal pinta. E o rapaz foi a viagem toda em pé (talvez não por opção) olhando para Seu Firmino que fingia que cochilava no banco preferencial. Seu Firmino saltou em frente à viela como de costume, e o homenzinho também!

Na caminhada, o velho atrasou a perna direita e se virou soltando uma sutil meia lua de costas. O jovem esquivou-se em direção ao chão e saiu no role. No final da movimentação ambos se olharam admirados, o menino com a agilidade e malícia do velho e o velho com a astúcia do menino. - O senhor é capoeira? Perguntou o garoto, mas antes que o velho, pudesse advertê-lo por interrogá-lo sem antes se apresentar, ele mesmo se desculpou e estendeu-lhe a mão, dizendo: - *Sou Gabriel Moretti.*

¹⁶ Médium, quem incorpora entidades.



E assim o jovem marcou logo dois pontos com o velho. Gabriel era estudante de Ciências Sociais da USP, e estava no Jd. São Luis praticamente perdido; ou melhor, tentando se achar. A idéia era fazer a monografia de conclusão do curso de Antropologia, a partir da história de vida de alguns moradores da periferia de São Paulo, para discutir questões relacionadas ao espaço urbano, migração e identidade.

Seu Firmino não entendeu muito bem, mas achou o menino um tanto quanto corajoso por se aventurar pelas quebradas sem destino certo. Disse que se ele fosse capoeira mesmo, saberia “*respeitar o medo e dosar bem a coragem...*” Gabriel conhecia esse trecho de ladainha e novamente perguntou se velho homem era capoeira. Seu Firmino desconversou, ele estava indo para o boteco e o rapaz quis acompanhá-lo.

Duas branquinhas em dois goles. Enquanto pilava o fumo no cachimbo o velho foi se soltando na prosa com o menino, falando de capoeira, de samba e coisas de terreiro...

Seu Firmino se empolgou na conversa. O menino era curioso e *vivaldino*, tinha um interesse particular por etnologia, estudava a cultura negra brasileira e estava atento ao movimento de instalação da capoeira na cidade, observando o trabalho de Mestre Brasília e Mestre Suassuana. O menino não era bobo, percebia que em algumas informações o velho era muito pouco preciso e que em outras se esquivava. Mas mesmo assim, o considerou uma fonte de pesquisa incrível pra o seu trabalho. Seu Firmino aceitou participar e os dois passaram a se encontrar regularmente.

Um dia Gabriel o convidou para visitar a aula de capoeira que fazia. Seu Firmino se arrumou como quem vai a missa, até chapéu e sapato branco colocou, não quis saber de conversa... Queria ver a *vadiação*, que se desenrolava aos trancos... Um Iê, seco e penetrante invadiu a sala e a bateria - constituída por um berimbau, um pandeiro e um atabaque - foi interrompida como panelas que caem em desarmonia. Todos olharam para Seu Firmino, que perguntou pro tocador de berimbau: - *Quem foi seu Mestre?* O instrutor, um paulista que morou na adolescência em Salvador ensinava o que sabia para um grupo de amigos, não tinha mestre.

Seu Firmino se sentiu incomodado e começou a resmungar, a turma “do deixa disso” tentou intervir, argumentar que existiam muitos tipos de capoeira e que as intenções do instrutor eram boas. Mas pro velho não tinha nada disso, ou era do jeito



certo ou estava errado. Para o grupo de patrícios de Gabriel, não houve constrangimento, estavam todos hipnotizados pela negrura e firmeza de Seu Firmino.

Não deu outra, o velho, recém aposentado, querendo mais é ficar longe daquela criançada do quintal passou a acompanhar o grupo, primeiro fazendo uma assessoria e depois se assumindo como líder do grupo - o Mestre Longevidade, como um dia foi chamado em Salvador.

Ao grupo o Mestre ensinou a arte da mandinga e ainda o samba de roda, que sempre procediam às rodas de capoeira. Por essa via, Seu Firmino, entrou em contato com outros grupos e outros Mestres de capoeira, alguns até velhos conhecidos que se impressionaram com a capacidade do velho em permanecer novo. Teve até mestre que saiu dizendo que o homem tinha feitiço, que era mandingueiro, porém, isso não foi suficiente para quebrar seu segredo, todo mundo achou que se tratava de alguma metáfora, pois na capoeira “*quem não pode com mandinga não carrega patuá*”.

Foi nessa ocasião que o Mestre voltou a freqüentar o candomblé. Durante uma época acompanhou as rodas da República, dividindo espaço com mestres da regional e angoleiros. Nestas rodas viu o samba de roda, como aqueles que se fazia no Recôncavo, comer solto na praça. E também, o toque de Oxalá e Oxum – o ijexá, no *afoxé*¹⁷ invadir o centro da grande cidade, por vezes, também, sob pressão da polícia.

Gabriel continuou sendo o discípulo mais próximo de Seu Firmino, aprendendo em cada gesto, canção ou história. Fez mestrado e doutorado sobre o tema da capoeira. Em contrapartida, o garoto aproximou o Mestre de um mundo de possibilidades culturais, que em anos no Jd. São Luis, Seu Firmino nunca tinha vivenciado. Além de reencontrar o jongo de Guaratinguetá, de seu sogro, com o pessoal do *Cachuera!*, Seu Firmino conheceu outra dança de umbigada, o tambor de crioula do Maranhão, lá no Morro do Querosene. Pra sua alegria, tanto o tambor de crioula como o jongo eram molhados a cachaça.

No começo todo mundo lá do quintal desconfiava do Gabriel, os primos o chamavam de boyzinho encardido. Eu sempre gostei dele, principalmente porque ele levava a gente pra cima e pra baixo de carro. Aos poucos os parentes foram se acostumando com a sua presença, sempre constante, principalmente nos churrascos,

¹⁷ Afoxé também chamado de Candomblé de rua - é um cortejo de rua que sai durante o carnaval. O afoxé tem comportamento específico, seus foliões estão vinculados a diversos terreiros de candomblé. Têm consciência de grupo, de valores e hábitos que os distinguem de qualquer outro bloco.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

feijoadas e vatapás. O fato de ele ser corintiano e torcer pra Vai-vai ajudou na aproximação; toda final de campeonato e apuração do desfile de carnaval ele estava lá.

A história do caçador ainda não acabou, é provável que não venha a acabar. Mesmo que o ebó tenha de fato revertido o feitiço do kimbundo, a história de Seu Firmino está viva na cidade de São Paulo em um jogo ou uma dança, ladainha ou corrido¹⁸, aguerê¹⁹, gingar, agincar²⁰ ou punga²¹... No trabalho e no corpo do Mestre Francisco 45, Mestre Ananias, Mestre Moa do Katendê, Mestre Jogo de Dentro, Mestre Plínio, Tião Carvalho...

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Frederico José. **Capoeiras – Bahia, séc. XIX: imaginário e documentação.**

Salvador. Instituto Jair Moura, 2005. 170 p.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**, tradução Sônia M. S. Fhurmann. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007. 101 p.

SOUZA, Jessé. **Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira** in Revista Tempo Social Revi. Sociol. USP. São Paulo, 12 (1) maio de 2000. p 69 – 100.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 476 p.

SILVA, Renata de Lima. **Corpo Limiar e Encruzilhadas: a capoeira angola e os sambas de umbigada no processo de criação em Dança Brasileira Contemporânea.** Tese de Doutorado. Instituto de Artes, Unicamp: [s.d.] 2010. 227 p.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida – por um conceito de cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 168 p.

¹⁸ Tipos de cantos próprio da capoeira.

¹⁹ Toque de determinados orixás

²⁰ Saudação corporal feita por orixá incorporado.

²¹ Umbigada do tambor de crioula e marcação no tambor correspondente a umbigada.